



## O ENSINO DE FILOSOFIA NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO JOVEM INDÍGENA PANKARARU

*O ENSEÑANZA DE LA FILOSOFÍA EN LA CONSTRUCCIÓN ID DE  
JUVENTUD INDÍGENA PANKARARU*

Eliane Maria do Nascimento Menezes<sup>1</sup>

Eduardo Barbosa Vergolino<sup>2</sup>

Roberto Ribeiro da Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** A curiosidade move o ser humano e, seu desejo de aprender, são fortes nutrientes para o desenvolvimento da Filosofia. O encantar-se com o mundo permite o indivíduo humano construir, desconstruir e, sobretudo repensar seu papel no mundo. Durante a adolescência, período em que a efervescência de pertencer a um determinado grupo que lhe identifique socialmente torna mais urgente, entender esse processo de desconstrução e construção da identidade juvenil indígena Pankararu, permite o fortalecimento da identidade coletiva da aldeia, favorecendo o sentimento de cuidado, valorização e respeito a sua cultura.

**PALAVRAS-CHAVES:** identidade; espaços educativos; indígena Pankararu.

**RESUMEN:** La curiosidad mueve al ser humano y su deseo de aprender son fuertes nutrientes para el desarrollo de la Filosofía. Estar encantado con el mundo le permite al individuo humano construir, deconstruir y, sobre todo, repensar su papel en el mundo. Durante la adolescencia, período en el que se hace más apremiante la efervescencia de pertenecer a un determinado grupo que te identifica socialmente, entender este proceso de deconstrucción y construcción de la identidad juvenil indígena Pankararu, permite el fortalecimiento de la identidad colectiva del pueblo, favoreciendo la sentimiento de cuidado, valorando y respetando su cultura.

**PALABRAS CLAVE:** identidad; espacios educativos; Pankararu indígena.

---

<sup>1</sup> Mestranda do PROF-FILO-IFSertão-PE. Bolsista Capes PROEB. Professora da Rede Estadual/PE em Tacaratu/PE. eliane.menezes@aluno.ifsertão-pe.edu.br.

<sup>2</sup> Doutor em Indigenous Studies na University of Manitoba - Canadá (2022). Professor do Instituto Federal do Sertão Pernambucano - Campus Floresta. Orientador.

<sup>3</sup> Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN - PPGed - (2021). Professor do Núcleo de Formação Docente/CAA - Universidade Federal de Pernambuco. Coorientador.



## 1 INTRODUÇÃO

A curiosidade move o ser humano e, seu desejo de aprender, são fortes nutrientes para o desenvolvimento da Filosofia. O encantar-se com o mundo permite o indivíduo humano construir, desconstruir e, sobretudo repensar seu papel no mundo. Deleuze propõem uma reflexão acerca dos conceitos que movem a Filosofia, do ser professor e do ato de ensinar. Esse contraponto nos apresenta a aula como inspiração que mantém vivo o ato de ensinar, a aula pode-se afirmar é um grande ensaio, tudo não passa de ensaios, “a aula ensaiada”.

Considerando o paradoxo entre a desvalorização histórica da área de humanas, em especial a disciplina de Filosofia, potencializada pela Reforma do Ensino Médio e a implantação do Currículo de Pernambuco. De um lado estão educandos, educadores que enxergam as aulas de filosofia como espaços de construção, debate e formação humana, “[...]a Filosofia é um construtivismo, e o construtivismo tem dois aspectos complementares, que diferem em natureza: criar conceitos e traçar um plano” (DELEUZE E GUATARRI, 1997, p. 51) afinal, “ensinar” Filosofia no chão de sala de aula é problematizar as inquietações humanas;

Em outro lado, os povos originários nos apresentam um processo de ensinar e aprender que perpassa os espaços escolares e ganham consistência nas tradições, na valorização da linguagem e nos ensinamentos repassado de geração a geração pelos mais velhos da aldeia. Cabe aqui, paragonar com a Filosofia desconstrutivista “[...]significante do significante descreve, ao contrário o movimento da linguagem” (DERRIDA, 1967a, p.8) a linguagem é dinâmica, é a essência do ser.

Compreender a influência do Ensino de Filosofia na construção identitária dos jovens indígenas Pankararu, a partir da concepção derridiana de desconstrutivismo, tendo como aporte, as literaturas Gramatologia, A escritura e a diferença e A voz e o fenômeno, essa tríade da literatura filosófica, publicadas em 1967, serão elementos norteadores para a concepção de desconstrução, pensada como sujeitos singulares e múltiplos que se comunicam através da linguagem, se relaciona com o outro e com o meio, nessa relação ambígua de experiências que a identidade do indivíduo se constitui.

É imprescindível pensar na tríade que norteia este processo, o espaço educativo, os grupos sociais juvenis e as relações interpessoais entre os jovens indígenas e não indígenas, é importante refletir sobre o fio condutor que os conecta, o Ensino da Filosofia.

É durante a fase da adolescência, período em que a efervescência de pertencer a um determinado grupo que lhe identifique socialmente torna mais urgente, também corresponde a fase estudantil onde o jovem cursa o Ensino Médio, em sua maioria essa fase é fonte geradora de conflito e, portanto não consolida sua própria identidade.

Assim sendo, o espaço escolar e o Ensino da Filosofia para os jovens escolarizados indígenas Pankararu, que residem na aldeia ou fora dela torna-se espaço de observação e estudo. Entender esse processo de desconstrução e construção da identidade juvenil indígena Pankararu, permite o fortalecimento da identidade coletiva da aldeia, favorecendo o sentimento de cuidado, valorização e respeito a sua cultura.

Por fim, se reconhecer indígena é ser consciente do seu papel no meio o qual está inserido. Entender como se dá o processo de construção e desconstrução dessa identidade, considerando as múltiplas culturas que se encontram embutidas no espaço educativo, analisando as relações interpessoais entre os adolescentes indígenas e não indígenas.

## **2 ALDEIA E ESCOLA: ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM E COMPREENSÃO DA FILOSOFIA INDÍGENA**

O mundo pós-moderno trouxe em seu arcabouço grandes transformações, avanços e conquistas tecnológicas que consolidam a sociedade contemporânea como uma teia de sistemas integrados, complexos, diversificados, que reverbera nas produções acadêmicas “[...]o saber é, e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos, para ser trocado” (LYOTARD, 2009, p.5) portanto, é perceptível a exclusão das minorias dos espaços educativos e, conseqüentemente acadêmicos.

Frente a este desafio surge a necessidade de repensar o papel deste espaço vivo que denominamos escola, o Ensino da Filosofia que perpassa o campo conceitual, e a relação entre os sujeitos únicos, individuais, a construção da identidade a partir do impregnar-se do tema a ser debatido nas aulas de Filosofia.

Estes desafios, potencializaram-se com a reforma do Novo Ensino Médio através da Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que estabeleceu uma mudança na estrutura do Ensino Médio, contribuindo para uma desvalorização para o ensino da Área de Ciências Humanas, de modo mais efetivo na disciplina de Filosofia.

Essas mudanças na política educacional potencializam a desvalorização da disciplina e desqualifica o papel do professor de Filosofia. Devemos considerar, portanto, que todas as normativas/leis remetem a uma crescente desvalorização da escola e de sua função social. Dentro deste contexto, é perceptível a dicotomia entre o que é posto nos Currículos Educacionais no que tange ao ensino sistemático da Filosofia e as vivências e práticas de suas tradições filosóficas. Sendo assim,

A educação Indígena seja ela formal ou informal (dentro ou fora da escola) apresenta-se como uma alternativa muito a frente ao nosso tempo. Uma educação baseada na individualidade do sujeito e nas suas habilidades pessoais sem imposição de modelos alheios a comunidade, uma educação orientada à sustentabilidade social e ambiental, uma educação na qual a diversidade de elementos integradores do conhecimento está conectada de forma a criar dentro do indivíduo um sentido de completude humana e social. (VERGOLINO, 2019, p.190)

Quando o Estado assume a educação das novas gerações, em particular dos jovens indígenas, ao mesmo tempo potencializa a fragilidade do ensino da filosofia, transformando o modelo religioso de educação escolar em um modelo burocrático homogeneizante de controle social. Essa universalização da educação, o acesso dos jovens indígenas a educação básica e o ensino da Filosofia, expõe as divergências que marcam os paradigmas pessoais e fundamentam práxis pedagógica que não ressignificam o ensino da filosofia. O Currículo de Pernambuco traz no seu arcabouço uma perspectiva para o jovem estudante do Ensino Médio. Para isso,

Pensar a Filosofia e, particularmente, o seu ensino se justifica plenamente na formação do jovem estudante do Ensino Médio, pois tem como principal objeto de estudo a condição da existência humana, através da compreensão de uma visão de mundo, crítica e situada, e do homem em suas interações com o mundo, confrontando valores e projetos de sociedade, de modo que possa deixá-lo apto à apreensão do sentido de sua existência, que deve ser feito mediante um processo dialógico com sua experiência existencial. (PERNAMBUCO, 2021, p.234)

Entretanto na prática, tais mudanças contribuem para o déficit de aprendizagem, a ampliação das desigualdades sociais, o aumento da evasão e abandono escolar, deste modo, utilizar o chão da sala de aula e as aulas de Filosofia como um espaço de debate e de reflexões, de modo que possam contribuir para a construção de uma educação que priorize a construção integral dos nossos jovens estudantes indígenas Pankararu.

Em vista disso, as políticas voltadas para o Ensino da Filosofia e a incorporação das tradições indígenas na prática pedagógica, alicerçada pela promulgação da Lei Diretrizes e Bases nº 9394/96 em seu artigo Art. 26-A define, “[...]nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. Construir espaços de debates, para dar voz aos nossos estudantes e propor mudanças que dê o real sentido ao Ensino Médio como porta de acesso para o espaço acadêmico.

### **3 DERRIDA: DESCONSTRUÇÃO, IDENTIDADE A SER CONSTRUÍDA**

Somos condicionados a entender, aprender e reproduzir a história do pensamento ocidental, marcada pelas inquietações, questionamentos e o surgimento da Filosofia. Tendo como campo frutífero a Grécia Antiga e o desenvolvimento do pensamento racional em contraponto ao pensamento mítico.

Desta efervescência de ideias, surge os três ícones da Filosofia Clássica, Sócrates, Platão e Aristóteles, estabelecendo uma relação do homem com o conhecimento, propondo a partir de então, o “experimental” para conduzi-lo ao logos. Entretanto, “[...]desde Platão e Aristóteles não se tem deixado de ilustrar por meio de imagens gráficas as relações da razão e da experiência, da percepção e da memória” (DERRIDA, 1995, p.182). A partir destas referências o homem vai se constituindo, como ser único, inacabado que através da relação com o outro e com o mundo produz conhecimento.

Assim, com o advento da pós-modernidade consolida-se o conhecimento científico, distanciando do inatismo filosófico proposto pela Filosofia Tradicional, é imprescindível entender,

Pois a mercantilização do saber não poderá deixar intacto o privilégio que os Estados-nações modernos detinham e detêm ainda no que concerne à produção

e à difusão dos conhecimentos. A ideia de que estes o Estado será suplantada à medida que seja reforçado o princípio inverso, segundo o qual a sociedade não existe e não progride a não ser que as mensagens que nela circulem sejam ricas em informação e fáceis de decodificar. (LYOTARD, 2009, p.5)

Neste contexto se insere jovens indígenas Pankararus, que residem em espaços aldeados e os não aldeados, comumente chamados de urbanizados dentro de nossa comunidade. Que buscam reafirmar sua identidade, (DERRIDA, 1973, p.17), “[...]por isso que o conceito e principalmente o trabalho da desconstrução, seu "estilo", ficam expostos por natureza aos mal-entendidos e ao des-conhecimento”, pois os conceitos constituídos individualmente reverberam em toda comunidade.

Para compreensão destes saberes, para os povos originários, a linguagem e a transmissão de suas tradições fazem parte da aprendizagem, é o conhecimento vivido, respeitado, experienciado “a vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica” (KRENAK, 2020, P. 108), por todos que fazem parte da aldeia global, chamada planeta Terra.

Desta maneira, o Ensino da Filosofia não acontece de modo uniforme, considerando as várias características que envolvem o desenvolvimento dos estudantes, podemos apontar os aspectos culturais, sociais e econômicos. Esta heterogeneidade é que torna nosso espaço escolar dinâmico,

O conceito de educação ao longo de toda vida é a chave que abre as portas para o século XXI. Ultrapassa a distinção tradicional entre educação inicial e educação permanente. Aproxima-se de um outro conceito proposto com frequência: o da sociedade educativa, onde tudo pode ser ocasião para aprender e desenvolver os próprios talentos. (DELORS, 1997, p. 117)

Entender essas mudanças, que perpassa nossa realidade quanto escola, contribuindo para a construção identitária através da compreensão dos signos, significados e significantes que nos direcionam a reflexão das diferentes realidades que se encontra dentro do espaço escolar.

Para isso, faz-se necessário uma análise sobre a inter-relação entre o as reflexões filosóficas onde as dualidades, professor e estudante são atores da ação. Ao docente cabe ser o organizador do planejamento, percebido e pensado de modo que possibilite a construção do conhecimento, o desenvolvimento de competências e habilidades propostos

no Currículo de Pernambuco. Aos discente a interlocução entre os espaços percebidos, argumenta “[...]a milenar sabedoria para as novas gerações, trazer de volta a ciência sagrada enquanto ciência, para que seu aroma ampare e permeie como bálsamo os corações e as mentes das futuras gerações” (JECUPÉ, 2022, P.15), contudo esse currículo é sistematizado, entendido e, muitas vezes defendido como única forma de saber.

Portanto, o jovem indígena estudante Pankararu deve ser considerado na ação de planejar, pois este possui saberes que devem nortear a ação docente. O estudo da filosofia deve ter aplicabilidade, onde o significado e o significante tenham sentido na linguagem tradicional respeitando o tempo e as singularidades vividas por cada agente desta ação educativa.

Sobre isso, afirma (PIMENTA, 1993, pag. 78) que ao “[...]formar o novo cidadão (o cidadão necessário) jovem indígena estudante Pankararu significa formá-lo com capacidade para ter uma inserção social crítica/transformadora na sociedade em que vive”. O professor não pode “perder de vista” tal compreensão, em preocupar-se e priorizar um ensino que torne o educando um sujeito autônomo, crítico e participativo do contexto social no qual está inserido.

Por fim, quando o Estado assume a educação das novas gerações, passa-se do paradigma privado para o público; passa-se do princípio da gestão de muitas escolas diferentes e privadas para o princípio da concentração do ensino por meio de redes de escolas; passa-se do modelo religioso de administrar a escola, para o modelo burocrático homogeneizante de controle administrativo. Entretanto, a Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Indígena na Educação Básica, em seu artigo 3º, determina,

A Educação Escolar Indígena deve se constituir num espaço de construção de relações interétnicas orientadas para a manutenção da pluralidade cultural, pelo reconhecimento de diferentes concepções pedagógicas e pela afirmação dos povos indígenas como sujeitos de direitos.

Para os povos originários, não existe uma dicotomia entre seu modo de viver e a educação, ambos se constituem em sua totalidade materializada na construção coletiva da identidade da aldeia. Esses espaços de aldeamento, são espaços de transmissão de

conhecimento passado de geração a geração, onde a educação é instrumento de manutenção, conservação das tradições e formação dos sujeitos,

Existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominância. (BRANDÃO, 2007, p.11)

A educação, portanto, perpassa o imaginário de apreensão de todos os seres humanos, especialmente do universo indígena desde seu nascimento. É na escola que possibilita a articulação dos diversos interesses dos variados setores da sociedade, sem que se perca sua verdadeira função social.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perceber os espaços sociais e geográficos aos quais as várias educações se concretizam, é entender que, “ninguém escapa da educação” (BRANDÃO, 2007, p. 8), esse debate robusto sobre a não existência de uma educação homogenia se perpetua e se consolida de diferentes formas desde seu imaginário, perpassando pelos grupos sociais e refletindo na vida em sociedade pois, transforma o sujeito.

Segundo Brandão, “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante” (2007, p. 9). Evidenciando que a educação existe em todos os lugares independente dos espaços institucionais formais. Ela possui raízes profundas alimentadas por simbolismos, culturas e relações sociais, efetivando as relações dos povos originários que, “em mundos diversos a educação existe diferente: em pequenas sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou pastores nômades” (BRANDÃO, 2007, p. 9) as práticas tradicionais transmitida de geração a geração também é elemento da prática educativa;

As diferentes abordagens sobre a educação nos remetem a compreensão do modo de fazer educação dos povos originários, “por isso mesmo - e os índios sabiam - a educação do colonizador, que contém o saber de seu modo de vida e ajuda a confirmar a



aparente legalidade de seus atos de domínio, na verdade não serve para ser a educação do colonizado” (BRANDÃO, 2007, p. 11) essa educação, potencializa o distanciamento entre a educação colonizadora e a desvalorização da cultura dos povos indígenas.

Fazendo um contraponto entre o pensamento de Derrida e Brandão, onde o método da desconstrução derridiano afirma que nossas experiências individuais é potencializada através da linguagem e de nossa relação com o meio, essas contingências dúbias efervescente e contradições ideológicas de nossa cultura, construímos e desconstruímos nossas identidades, portanto somos seres múltiplos e, como tal possuímos identidades múltiplas que nos constitui uno. Brandão, porém, propõe uma reflexão sobre a educação formal, a construção histórico social e as relações de poder, assim a educação evidencia seu papel, à medida que surgem demandas sociais de condução e controle do ensino e da aprendizagem. Educação, portanto, é um processo contínuo, temporal, local e cultural.

## 5 REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **O espírito da floresta**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **A queda do céu**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é – educação**. Editora brasiliense, 2007.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF- 23.12.1996, Página. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil/\\_03/leis/19394.htm#:~:text=disposto%20neste%20artigo.-,Art.,da%20economia%20e%20da%20clientela./acesso em: 22/05/2023](http://www.planalto.gov.br/ccivil/_03/leis/19394.htm#:~:text=disposto%20neste%20artigo.-,Art.,da%20economia%20e%20da%20clientela./acesso em: 22/05/2023).

BRASIL. Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF- 22/06/2012. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CNE Disponível em: [https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE\\_RES\\_CNECEBN52012.pdf?query=ensino%20m%C3%A9dio](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECEBN52012.pdf?query=ensino%20m%C3%A9dio). Acesso em: 22/05/2023.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF - Seção 1 - 17/2/2017, Página. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13415-16-fevereiro-2017-784336-publicacaooriginal-152003-pl.html#:~:text=Fica%20institui%C3%ADda%2C%20no%20%C3%A2mbito%20do,Ensino%20M%C3%A9dio%20em%20Tempo%20Integral>. acesso em: 22/05/2023.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar – 2001.

CHAVES, Pedro Jônatas. **Didática, decolonialidade e epistemologias do sul: uma proposta insurgente contra a neoliberalização do ensino escolar e universitário**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELORS, J. eT. aL. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Margem da Filosofia**. São Paulo: Papyrus, 1991.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1973.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1995.

DERRIDA, Jacques. **A Farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DERRIDA, Jacques. **A voz e o fenômeno**. 1ed. Lisboa/Portugal: Edições 70, LTDA.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A 2006.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos**. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Avida não é útil**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MATOS, Neide da Silveira Duarte de; MALANCHEN, Julia. **A Pedagogia Histórico-crítica, as Políticas Educacionais e a BNCC**. 1. ed. São Paulo: Autores Associados, 2020.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez Editora – 2005

OLIVEIRA, Edivania granja da silva; VIEIRA, Maria do Socorro Torres Cavalcante. **Memórias e vivências: saberes e fazeres nas escolas indígenas Pankararu**. Petrolina: IF Sertão, 2019.

OLIVEIRA, Marly de Oliveira. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Ed. Bagaço, 2005.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: Ensino Médio**. Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação. Recife: Secretaria, 2021.

PIMENTA, Selma Garrido. **Título do livro**. Série ideias. 16. São Paulo: FDE, 1993.

VERGOLINO, Eduardo Barbosa. **Desafios Da Educação Escola Indígena: Epistemologias E Filosofias**. Caderno Cajuína, v.4, n. 3, 2019, p.186-194.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Manual de normatização de documentos científicos de acordo com as normas da ABNT**. Sistemas de Biblioteca, 2022.